

AS FAMÍLIAS (DES)ENCANTADAS DOS CONTOS DE FADAS

ALMEIDA, Sandra Helena Alves de
SANTOS, Eduardo de Melo dos
OLIVEIRA JR, Isaias Batista de
Universidade Estadual do Paraná

RESUMO

A sociedade pós-moderna da qual somos todos partícipes tem sofrido uma série de transformações, dentre as instituições afetadas podemos apontar a família, que há tempos deixou de ser configurada apenas por pai, mãe e filhos passando a compor um amplo caleidoscópio, com distintas formações e os mais diversos agrupamentos. A escola deve atentar-se a esse fato em seus ritos, onde diferentes estratégias são utilizadas como recursos de ensino, despertam a curiosidade e instigam os alunos. Dentre as estratégias educacionais desenvolvidas desde o princípio da escolarização podemos citar a contação de histórias, pois por meio deste recurso pedagógico a aprendizagem torna-se prazerosa e significativa. Desta maneira, pretendemos aqui analisar as composições familiares presentes em alguns dos contos de fadas considerados clássicos da literatura, para tal elencamos A Bela e a Fera, Chapeuzinho Vermelho, Cinderela, Branca de Neve e os Sete Anões, O Patinho Feio e Os três Porquinhos. A escolha destas obras se justifica no fato de que trazem em seu enredo famílias não convencionais. Sendo assim, nosso objetivo é evidenciar que até mesmo nos contos de fadas as famílias nem sempre são tradicionais, e que a escola pode, trabalhar o acolhimento e o respeito aos alunos oriundos de tais famílias.

Palavras-chave: Escola; Famílias não convencionais; Contos de fadas; Festividades.

INTRODUÇÃO

Há tempos que as famílias deixaram de ser formadas apenas por pai, mãe e filhos, nos moldes do tradicionalismo. Hoje elas aparecem constituídas nas mais diversas variações e modelos, passando a compor inúmeros outros arranjos. Ainda que se pense nesses novos arranjos, a família de composição tradicional continua

Realização:

Apoio:



sendo vista como o modelo padrão imposto pela sociedade. A escola, no seu papel pedagógico, tem sob sua incumbência deixar transparecer que este padrão ideal, ao qual se estabelece família tradicional, está ultrapassado e não pode mais ser taxado como exemplo.

As famílias na atualidade são diversificadas, possuem núcleos diferentes daquelas conhecidas como tradicionais, a escola precisa adequar-se a esses novos arranjos familiares e trabalhar de maneira que traga isso vinculado aos conteúdos direcionados em sala de aula, e não apenas utilizando esta diversidade como pretexto para culpabilizar o fracasso ou enfatizar o sucesso e desempenho pedagógico do aluno.

Os novos arranjos familiares, por inúmeras vezes, são vistos com maus olhos, tanto no contexto social, quanto no espaço escolar, uma vez que a escola é reflexo da sociedade. Desta maneira, analisar as formações familiares organizadas em modelos não convencionais dos contos de fadas pode ser um forte aliado educacional, pois através dos contos de fadas a criança se aproxima de uma fantasia alucinante e ao mesmo tempo real, que retrata perfeitamente os mais variados modelos de família que se possa imaginar.

FAMÍLIA E ESCOLA, ESTREITANDO RELAÇÕES

É certo que, com a evolução dos tempos tudo vêm se modernizando, inclusive as famílias. Não se pode mais afirmar que a família tradicional seja o único modelo existente, tampouco adotar apenas este tipo de família como um padrão para a sociedade.

A família, assim como a escola, é parte importante na formação do indivíduo enquanto cidadão; para a escola torna-se imprescindível trazer a família para o convívio do contexto escolar, unindo forças e dividindo responsabilidades. Está evidente que,

há a coexistência de diversas configurações familiares: do modelo tradicional nuclear à família extensa, que é assim referida pela moradia ou convivência; a família separada, que mostra a ausência do casal, devido à separação; a separada e extensa acrescida de

Realização:



Apoio:



membros do parentesco; a reconstituída ou recasada, que apresenta novos integrantes da família advindos de outra união conjugal; além disso, vínculos afetivos diversos foram representados como família” (RIBEIRO, CRUZ, 2013, p. 619).

Os padrões de família preestabelecidos como ideias estão cada vez mais distantes dos novos arranjos familiares presentes na atualidade. Ao longo do tempo a instituição família sofreu diversas mudanças por fatores sociais e culturais, tanto em sua construção e constituição quanto na distribuição de papéis dos membros pela qual é composta. Tais transformações na estrutura familiar resulta em diversificados arranjos familiares. (OLIVEIRA JR, 2015)

Visto que escola e família são instituições sociais, a ciência assim as define:

Família é uma instituição social básica, formada por um grupo de parentesco bilateral. Ela constitui a estrutura da sociedade[...] Educação: processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral da criança e do ser humano em geral, visando sua melhor integração. (LAKATOS E MARCONI, 2011, p.320-323).

Nesse sentido, tanto a família, quanto a escola desempenham papel marcante na vida do indivíduo, contribuem visivelmente para o comportamento do sujeito, portanto torna-se relevante a comunicação entre estas instituições. As famílias vêm se modificando, é imprescindível que a escola acompanhe esta transformação;

É necessário, que órgãos governamentais e escolas compreendam as significações de família, ao lançarem políticas de participação e integração da família/escola, uma vez que a família ora considerada “padrão”, vendida como sendo a “ideal” e comprada pelo sistema escolar, deixou há tempos de ser um modelo predominante, devido aos novos arranjos familiares. (OLIVEIRA JR, p.103,2013).

A escola, ao adotar como padrão apenas um modelo de família, tende à retardar a evolução dos conceitos de participação familiar no contexto educacional. O que vem ocorrendo é que, grande parte dos docentes têm uma certa resistência em receber abertamente alunos advindos de famílias não convencionais. As novas configurações familiares vêm sofrendo preconceitos dos mais diversos aspectos, a

Realização:



Apoio:



escola faz parte deste contexto, visto que o preconceito vem da sociedade e a escola está nela inserida.

A escola precisa reconhecer que na contemporaneidade os sujeitos (re)criam livremente suas experiências emocionais e afetiva. Carece considerar que os avanços técnicos da medicina permitem escolher como, quando e com quem desejamos conceber nossos filhos. Deve saber que transformações na sociedade incidiram na família que passou a se estruturar de distintas maneiras. Necessita compreender que a lei conferiu às diversas relações não convencionais o status de família e que somando-se a outras formas de organização, os laços de consanguinidade, as formas legais de união, o grau de intimidade nas relações, as formas de moradia, o compartilhamento de renda podem ser algumas das variáveis que, combinadas ou isoladas permitem identificar inúmeras organizações familiares, além daquelas ditas “tradicionais”. (OLIVEIRA JR, p.271, 2015)

Essas transformações das famílias na contemporaneidade são próximas das configurações familiares dos contos de fadas que têm em sua composição modelos de família nada convencionais. Discutir essa multiplicidade trazendo os contos de fadas para o contexto educacional torna simples um processo que, aparentemente parecia complicado e inviável. Até mesmo os contos de fadas considerados clássicos da literatura infanto-juvenil, já retrataram outrora, essa multiplicidade familiar.

OS CONTOS DE FADAS

Os contos de fadas surgiram há muitos séculos, segundo Almeida (2015) “são elementos folclóricos da cultura que, através de várias transformações chegaram às crianças e atualmente são utilizados como recursos pedagógicos”. Na atualidade, os mesmos continuam a exercer grande influência no emocional das crianças, e quando utilizados como ferramenta de ensino proporcionam ao professor um amplo leque de possibilidades na abordagem de determinados conteúdos.

Desta maneira, analisar as formações familiares organizadas em modelos não convencionais dos contos de fadas pode ser um forte aliado educacional, pois partindo das histórias infantis torna-se viável ao aluno identificar-se no quesito família. Através dos contos de fadas a criança se aproxima de uma fantasia

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



alucinante e ao mesmo tempo real, que retrata perfeitamente os mais variados modelos de família que se possa imaginar.

Ao passo que se estabeleça uma relação entre a fantasia e o real, estreita-se as relações da criança com a escola e sua família, assim ela consegue entender que, além dos padrões familiares que costumeiramente a sociedade impõe, também existem inúmeros outros que por vezes passam despercebidos ou até mesmo são discriminados por serem desconhecidos.

A arte de contar histórias é milenar, acompanha a humanidade desde os seus primórdios e servia como instrumento de transmissão do conhecimento, já que não havia ainda a escrita. Com o passar do tempo as histórias começaram a ser transcritas e assim surgiram os contos de fadas.

Segundo Motta (2016, s/p.)

Os contos de fadas têm natureza espiritual, ética e existencial. Sua origem está ligada à cultura celta e retratam a história de heróis e heroínas, em narrativas ligadas ao sobrenatural e visavam à realização interior do ser humano. O vocábulo fada tem origem no termo latino *fatum*, cujo significado original é destino. Ela representa a possível realização de um sonho ou de ideais.

Para Piglia (2001, p. 12) “O conto é uma narrativa que encerra uma história secreta. Não se trata de um sentido oculto que depende da interpretação: o enigma não é senão uma história que se conta de modo enigmático”.

Maria (1987, p. 8) diz que “O conto foi, em sua primitiva forma, uma narrativa oral, frequentando as noites de lua em que antigos povos se reuniam e, para matar o tempo, narravam ingênuas estórias de bichos, lendas populares ou mitos arcaicos”.

Os contos de fadas são narrativas breves que envolvem uma única ação, que acontece num curto espaço de tempo, reúne poucos personagens e os mesmos encontram-se inseridos em um determinado espaço geográfico que raramente muda ao longo da trama. Para que seja de fato considerada conto, a narrativa precisa impactar o leitor de maneira que o prenda do início ao fim num intenso e invariável entusiasmo, fazendo com que ele sinta interesse pela narrativa incansáveis e inúmeras vezes, eternizando a trama e o enredo de fácil absorção.

São considerados clássicos aqueles contos que transcendem, ultrapassam o tempo e o espaço em que se deu a sua criação, e se perpetua ao longo dos séculos sem perder a essência de seu início. Suas origens são as mais variadas, esta forma

Realização:



Apoio:



de escrita ficou popularmente conhecida na França no século XVII, a partir de uma coletânea de textos de Charles Perrault com a obra Contos da Mãe Gansa (1967), entretanto após os Irmãos Grimm compilarem narrativas diversas numa obra chamada “Contos para crianças e famílias”, é que os contos passaram a ser destinados às crianças; antes deste feito eram considerados histórias para adultos, os quais tinham caráter informativo. (FALCONI, 2015).

No contexto escolar os contos de fadas frequentemente têm sido utilizados, tanto na educação infantil quanto anos iniciais do ensino fundamental, contribuindo para o processo de ensino aprendizagem, uma vez que exercem grande influência sobre a criança. A partir deles o indivíduo consegue se transportar para um outro mundo aguçando sua capacidade de criar, imaginar e descobrir-se em seu interior conflitante, com isto, torna-se mais perspicaz na resolução de seus próprios problemas.

Na infância o comportamento humano está relacionado com o contexto social ao qual o sujeito está inserido, nesta etapa de sua existência ele adquire sua base para a vida adulta, esta é a fase onde ele desenvolve o início de sua personalidade e, sua subjetividade também se constitui neste período.

Compreende-se que,

A subjetividade é a análise singular e individual que cada um de nós vai construindo conforme vamos nos desenvolvendo e vivenciando as experiências da vida social e cultural; é uma síntese que nos identifica, de um lado, por ser única, e nos iguala, de outro lado, na medida em que os elementos que a constituem são experienciados no campo comum da objetividade social. Esta síntese – a subjetividade – é o mundo de ideias, significados e moções construído internamente pelo sujeito a partir de suas relações sociais, de suas vivências e de sua constituição biológica; é, também, fonte de suas manifestações afetivas e comportamentais (BOCK, 2001, p.23).

Quando a criança é instigada ela está mais propensa a usar a criatividade, deste modo, o meio em que ela se encontra afeta sua essência e sua existência e estas experiências do processo de formação se farão presente por toda a vida, “a subjetividade é maneira de sentir, pensar, fantasiar, sonhar, amar e fazer de cada

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



um” (BOCK, 2001, p.23), porém a subjetividade não se mantém estagnada, pelo contrário, a subjetividade se molda ao passo que as interações com o meio ocorrem.

À medida em que a criança se envolve com a trama do conto, ela passa a ser sujeito ativo de uma jornada que alia o imaginável com o inimaginável, ela traveste em si um personagem ao qual se identifica e simpatiza; com o qual compartilha suas aflições e anseios, seus medos e fraquezas, no qual também deposita sua confiança e com o qual une forças na árdua batalha. Ela passa a ser um dos personagens ao ser cativada pelo enredo, pois

(...) as histórias são verdadeiras fontes de sabedoria, que têm papel formador da identidade. Há pouco tempo, elas foram redescobertas como fonte de conhecimento de vida, tornando-se também um grande recurso para educadores. Com o advento da comunicação, ampliação dos seus recursos e a globalização das informações, a linguagem falada tende a definhar, porém, concomitante a esse desenvolvimento, surgiu uma necessidade de resgatar os valores tradicionais e a própria natureza humana. A tradição oral dos contos, não só não reapareceu, como está ganhando força nos últimos tempos (BUSATTO, 2006, p. 21).

Segundo Almeida (2015, p. 25), “a contação de histórias ao ser utilizada para crianças as auxilia à compreenderem o seu mundo interno, bem como influenciam nas suas emoções, por meio da moral que cada conto de fadas traz em seu conteúdo”. Ao ser cativada, a criança desenvolve todos os seus sentidos de ouvinte, alcança sua plena posição de agente transformador de uma história à qual faz parte. Através da contação de histórias, o professor abre uma gama de possibilidades para que o aluno se desenvolva em sua amplitude; propicia uma construção significativa por parte da criança, com vasta produtividade e relevante compreensão de si e do mundo que a cerca.

METODOLOGIA

Partindo da ideia de que a contação de histórias influencia tanto nas emoções, quanto no comportamento da criança, pretende-se aqui analisar as composições familiares dos contos de fadas considerados clássicos da literatura infantil. A presente pesquisa busca esclarecer, na relação escola e família que, até

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



mesmo nos contos de fadas as famílias não são retratadas de forma nuclear, e que desta maneira o professor poderá rever a forma como vêm sendo tratados os alunos advindos de famílias não convencionais.

Com esta pesquisa, objetiva-se demonstrar as contribuições dos contos clássicos e da contação de histórias na promoção da cultura do respeito e no acolhimento de alunos oriundos de famílias organizadas em modelos não convencionais no âmbito escolar. Paralelo a isso, temos como objetivos específicos descrever os aspectos evolutivos que conferiram novos contornos às configurações familiares; caracterizar o relacionamento da escola com a família no processo educacional a fim de que aquela possa se adequar aos novos paradigmas familiares conferidos pela evolução dos aspectos cognitivos, sociais, afetivos e culturais; evidenciar as contribuições da contação de histórias na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental na descontextualização do ideário de família tradicional.

O presente trabalho consistiu na revisão bibliográfica de materiais já antes elaborados, buscados em livros, monografias e artigos científicos publicados tanto em revistas eletrônicas como impressas. Para a realização do mesmo foram coletados dados acerca do tema escolhido; todo material levantado foi analisado com o intuito de que houvesse uma progressão gradativa ao longo de seu processo de construção.

A pesquisa bibliográfica foi pautada nas representações familiares existentes nos clássicos contos de fadas e posteriormente fizemos sua relação com as composições familiares da atualidade. Para tanto elencamos a análise de alguns dos contos de fadas mais conhecidos; os clássicos, tais como: A bela e a fera - Jeanne-Marie LePrince de Beaumont; Branca de neve e os sete anões – Irmãos Grimm; Chapeuzinho vermelho – Irmãos Grimm; Cinderela – Irmãos Grimm; O patinho feio – Hans Christian Andersen; Os três porquinhos – Joseph Jacobs.

Estas obras, após serem analisadas, contribuíram para o estudo da relação entre escola e famílias não convencionais. Desta maneira, utilizamos as seguintes estratégias: coleta de dados bibliográficos; aqui fazemos a busca de todo material necessário para leitura exploratória acerca do tema escolhido para a realização do trabalho; análise das configurações familiares das obras elencadas, onde houve

Realização:



Apoio:



seleção dos materiais considerados necessários para a construção do projeto; descrição dos dados relevantes que se deu por meio de registros descritivos de fontes bibliográficas analisadas inicialmente.

Com base nas informações levantadas nos foi possível colher os dados de maneira a estruturar e ordenar as ideias concluindo, desta forma, todo o processo de construção do presente trabalho.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

Numa análise preliminar dos contos de fadas aqui apontados é possível notar que, em a Bela e a fera, a família se constitui por pai e filha; Chapeuzinho vermelho traz em seu enredo uma família totalmente feminina, composta pela mãe, a avó e a menina; Cinderela ao perder o pai passa a morar somente com a madrasta e suas duas filhas; O patinho feio é integrante de uma família adotiva e, Os três porquinhos após partirem do lar onde moravam com a mãe, cada um passa a viver sozinho.

Canigo et al (2010) em seus estudos classificaram as famílias em categorias, dentre elas podemos ver que os contos retratam algumas das mais comuns na sociedade moderna. No caso de “A Bela e a Fera”, a família da personagem é tida como monoparental, ou seja, aquela família composta por apenas um dos progenitores e os filhos. Na história “Chapeuzinho Vermelho” o caso se repete, a menina está inserida em uma família monoparental feminina, visto que não há presença masculina no contexto familiar da garota.

Em “A Branca de Neve e os sete anões”, a bela jovem se vê em meio às aflições da convivência com sua madrasta, quando após a morte de sua mãe o pai se casa novamente, isso torna a estrutura familiar como sendo reconstituída, combinada ou recombinação; onde há uma nova união conjugal.

No enredo do conto “Cinderela”, a família passa a ser denominada recomposta, esta variação se dá quando há uma nova união conjugal, tendo ou não descendentes de relações anteriores.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



“O Patinho Feio” traz à tona o que temos como família adotiva, uma vez que ele se encontra inserido num contexto familiar onde sua espécie é distinta dos demais integrantes.

Os três porquinhos, clássico por retratar o valor do trabalho, nos mostra o modelo de família classificada como unitária, sendo esta composta apenas por uma pessoa que vive sozinha, não importando suas relações afetivas e/ou conjugais.

Visto que, nesta análise breve notamos a presença das famílias não tradicionais nos contos de fadas, suponhamos que as histórias servem como base para problematizar estes diferentes modelos presentes em nossa sociedade; e que a escola pode utilizar-se deste mecanismo para melhor acolher os alunos oriundos das mais variadas composições familiares. Desta maneira, espera-se que a partir deste texto a escola se atente quanto ao acolhimento e integração dos alunos advindos de arranjos familiares denominados não convencionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que as histórias infantis são constantemente utilizados como recursos pedagógicos por professores em sala de aula, e isso contribui para que o ensino de diversos conteúdos seja realizado de maneira lúdica. Partindo deste pressuposto, o docente precisa atentar-se também quanto à importância de trazer este recurso como prática de estudos das vivências e particularidades de seu alunado.

A presente pesquisa teve por objetivo identificar os modelos de estrutura familiar existentes em alguns dos contos de fadas considerados clássicos da literatura infantil. Com a finalidade de realizar análises mais detalhadas dos contos elencados, pudemos analisar detalhadamente as variadas composições familiares neles contidas, que fogem dos padrões tradicionais estabelecidos pela sociedade.

Sendo assim, visto que a escola é um reflexo desta sociedade, a mesma prega um ideário de família tradicional, uma vez que ainda nos dias atuais grande parte das ações tomadas pela escola são direcionadas apenas a alguns membros das famílias, sem se ater aos novos arranjos que surgiram ao longo do tempo. A contação de histórias, além de servir como estratégia de ensino e suporte aos

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



professores, pode também esclarecer os variados modelos de famílias, bem como auxiliar a na inserção dos alunos oriundos destas famílias tidas como não tradicionais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sandra Helena A. de. A influência da contação de histórias infantis nas emoções de crianças de 6 a 9 anos no contexto da brinquedoteca universitária. Relatório de Iniciação Científica (PIC). Unespar Campus Apucarana, Apucarana, 2015.

BOCK, Ana Mercês B. et al. Psicologias: uma Introdução ao Estudo de Psicologia. 13 ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

BUSATTO, Cléo. Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa. Petrópolis: Vozes, 2003.

CANIÇO, Hernâni. BAIRRADA, Pedro. RODRÍGUEZ, Esther. CARVALHO, Armando. Novos Tipos de Família. Plano de Cuidados. Coimbra: Ed. Imprensa da Universidade de Coimbra, 1ª ed. jun., 2010.

COELHO, Betty. Contar Histórias: uma arte sem idade. 10ª ed. São Paulo: Ática, 2002.

DORES, Alyne F. das; LIMA, Lílian B. A Contação e Seus Contadores: Para a escola e para o mundo. 2008. 52 f. Monografia. Faculdade de Telêmaco Borba, Telêmaco Borba. 2008.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação





FALCONI, Isabela Mendes. Contos de Fadas: origem e contribuições para o desenvolvimento da criança. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro, 2 {1}: 85 – 111, 2015.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004. 28.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Sociologia Geral. São Paulo, ver, p. 320-324 Atlas, 2011.

MARIA, Luzia de. O que é conto. São Paulo: Brasiliense, 2004 < Disponível em <https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2015/07/maria-l-que-c3a9-conto.pdf> > Acesso em 16 jan 2016.

MOTTA, Andréa. O que são os contos de fada? 2016. Disponível em <http://conversadeportugues.com.br/2012/02/contosdefada/>. Acesso em 06 nov. 2016.

OLIVEIRA JR, I.B.; LIBÓRIO, R. M. C.; MAIO, E. R.; Famílias Não Convencionais: A (in) eficiência das estratégias de (des)integração. Revista HISTERBR On-line, Campinas, nº63, p. 270-279, jun 2015.

OLIVEIRA JR, Isaias B.; MAIO, Eliane R. Família e Escola: Um novo (re) pensar e (re) agir pedagógico. Revista Labor. Nº10, v.1, p. 101-114, 2013.

PEREZ, Luana Castro Alves. "História dos contos de fadas"; Brasil Escola. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/literatura/historia-dos-contos-fadas.htm>>. Acesso em 06 dez 2015.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação





PIGLIA, Ricardo. Teses sobre conto. Tradução: Josely Vianna Baptista <
Disponível em <http://concursodecontos.blogspot.com.br/p/teses-sobre-conto.html> >
Acesso em 16 jan 2016.

SILVA, Ana Maria. A importância da leitura dos contos de fadas na Educação Infantil. Portal Educação, 27, jan. 2013 Disponível em <
<http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/30151/a-importancia-da-leitura-dos-contos-de-fadas-na-educacao-infantil>>. Acesso em 02 jan 2016.

ABSTRACT

The postmodern society of which we are all participants has undergone a series of transformations, among the affected institutions we can point out the family, which for a long time has been left to be configured only by father, mother and children, forming a large kaleidoscope with different formations And the most diverse groupings. The school must attend to this fact in its rites, where different strategies are used as teaching resources, arouse curiosity and instigate the students. Among the educational strategies developed since the beginning of schooling we can cite storytelling, because through this pedagogical resource learning becomes pleasurable and meaningful. In this way, we intend here to analyze the familiar compositions present in some of the fairy tales considered classics of literature, for such we include The Beauty and the Beast, Little Red Riding Hood, Cinderella, Snow White and the Seven Dwarfs, The Ugly Duckling and The Three Little Pigs . The choice of these works is justified in the fact that they bring in their plot non-conventional families. Therefore, our objective is to show that even in fairy tales families are not always traditional, and that the school can work with the reception and respect for students from such families.

Keywords: School; Unconventional families; Fairy tale; Festivities.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação

